

# O DOMINGO

SEMANARIO  
R. D. PEDRO V-18  
TELF. 631-N. LISBOA

## *ilustrado*

AGENTES EM  
TODA A PROVINCIA  
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



### UM CRIMINOSO E UM INOCENTE!!

Augusto Gomes, o estrangulador de Maria Alves, e o chauffeur João Fernandes que ele, numa má hora, agregando-o ao seu crime arrastou ao banco dos reus.

AS LAMPADAS ELECTRICAS **Condor** SÃO AS MAIS ECONOMICAS E AS MAIS RESISTENTES.  
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDADE

LER DENTRO O INTERESSANTE CONCURSO DE

A COSTUREIRA MAIS LINDA DE PORTUGAL

# crónica da Semana por Norberto Lopes

## O crime de Augusto Gomes

AUGUSTO Gomes matou. Matou por ciúmes? Matou por dinheiro? Matou por amor? Ele afirma que matou por amor. A plateia não acredita—e vai assistindo, cada vez mais interessada, ao desenrolar do drama judicial que se está representando na Boa Hora.

Entretanto, Augusto Gomes chora... «Essa mulher foi a minha desgraça... Um sorriso dela era toda a minha vida...»

E ele não hesitou em matar essa mulher. Estava certo—dentro do crime passionnal—embora nunca esteja certo matar. Mas os Tribunais absolvem, por vezes, aqueles que num impulso irresistível da sua índole animal se desfazem violentamente do próprio ser que constituía a razão da sua existência.

—Matel-a, porque lhe queria muito, porque era a carne da minha carne, a luz dos meus olhos, a alma da minha alma...—é a desculpa que encontra sempre para o seu crime aquele que supõe matar por amor.

Mas Augusto Gomes matou por amor? Toda a prova moral se tem feito em contrario. E' certo que Maria Alves exerceu, durante um certo período da sua vida—durante uma lua de mel mais ou menos longa—uma influencia decisiva sobre o criminoso. Essa influencia, porém, passou—como passava tudo na vida de Augusto Gomes.

O antigo empresario do Apolo era um amoroso á sua maneira. Ancestralidade arabe, hábitos orientais, defeitos de educação—tudo contribuiu para a pratica do crime.

Durante o julgamento fala «das suas mulheres», como um sultão. Em varias fotografias que os jornais publicaram, recordações das suas viagens pelo sul da Espanha e pelo norte de Marrocos, Augusto Gomes apparece-nos disfarçado em grande senhor mussulmano, com uma escrava a seus pés. O por menor da escrava não falta nunca. Chamou-se Piedade. Chamou-se Virgínia de Jesus. Chamou-se Ana Baptista. Chamou-se Maria Alves. Chamou-se Miquelina do Amaral.

Esta ultima é a nota simpatica do seu drama. O criminoso, quando fala dela, faz sempre uma pausa—uma pausa comovida, a unica pausa sincera da sua partitura...

NORBERTO LOPES

## Este numero foi visado pela comissão de censura

### PERDIDO POR UM...



—Oh maroto, então estás a beber o meu vinho do Porto!

—O patrão põe-me na rua!

—Ainda o dizes!

—Então já agora acabo de beber a garrafa.

# NOVIDADES E NOTÍCIAS D'AQUI E D'ALCÁ

## O encobridor do encobridor

NESTE caso de Augusto Gomes, surgiu um personagem que, pouco a pouco, conseguiu passar a um plano secundario, sumir-se, fazer-se pequenino, fazer-se esquecer... E' o advogado que aconselhou o «chauffeur» João Fernandes a não denunciar o criminoso. E' o advogado que serviu de muleta á cobardia do pobre rapaz. O encobridor do encobridor não foi incomodado e já quasi não é discutido. Ignoramos se, em face da lei, praticou qualquer delicto. Pode muito bem ser que não. Mas isso não impede que o recordemos como personagem curioso, típico, muito contemporâneo...



## Um equívoco

NA Rue de La Paix, um magnifico auto está parado defronte duma loja. No passeio, muitos curiosos esperam...

—E' Ruth Elder—explica um cavalheiro serviço—Sabe quem é, não? Ruth Elder, a aviadora...

Toda a gente sabe, todos esperam. Passam-se longos minutos. Finalmente, sai do estabelecimento uma senhora alta, elegante, distinta, seguida por duas senhoras, que lhe testemunham a maior deferencia.

—Não se parece nada com os retratos!—exclama o cavalheiro bem informado. Nada, mesmo nada!

De facto, não se tratava de Ruth Elder, mas da rainha de Espanha.

## As conferencias de M. Marillot

TEM revestido o maior interesse a série de conferencias que, sobre escritoras francezas, vem realizando, na Faculdade de Letras, o eminente professor Paul Morillot.

M. Marillot é o prototipo do sábio que sabe acertar o passo á cadencia do Tempo... Apesar de bastante idoso, conserva uma admiravel e rara frescura de espirito. Adivinha-se que no seu coração cabem todas as indulgencias e a maior tolerancia. No casarão sombrio da rua do Arco a Jesus, onde os velhos e sabios mestres só falam de velhos e maçados autores, causou certo pasmo a voz doce e calma de M. Marillot, a anunciar que falará de Madame Colette, que, salvo erro, deve ser a estovada e genial Colette das «Claudines», a Colette «drapeau de France», do nosso collega Antonio Ferro...

## Um livro notável

DAMOS em primeira mão a noticia de que é hoje posto á venda, quasi imprevisavelmente, a obra «Escritoras de Portugal», ha muito esperada nos meios bibliofilos, e da autoria da sr.<sup>ta</sup> D. Tereza Leitão de Barros, nossa eminente colaboradora. Trata-se dum importante trabalho, em dois grossos volumes, de copiosa e vastissima materia critica e informativa, onde passam duzentas figuras de escritoras portuguesas, cheio de notas e citações eruditas. Esta obra, que se apresenta com prefacio de Agostinho de Campos, foi entusiasticamente recebida por Carolina Michaëlis, já quando a doença, infelizmente, só lhe permitiu escrever sobre ella uma carta. E' a obra mais importante sobre a literatura feminina portuguesa, saída em prelos portugueses e brasileiros.

## Um reclame moderno

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para o reclame da pagina oito, com o qual toda a gente pode obter um belo relógio de graça.

## O sentido das proporções

AUGUSTO de Castro, o jornalista sempre bem lembrado, escreveu algures um notavel artigo sobre «O sentido das proporções», sentido que os portugueses perderam. Nunca nos recordámos mel'or desse artigo notavel do que ao abrir os jornais de 2.<sup>a</sup> feira passada... O crime de Augusto Gomes enchia columnas e columnas dos colossos da informação. Sem fazer-se o qualquer comentario (mesmo porque não desejamos ouvir um «bem prega Frei Thomaz...»), limitamo-nos a fantasiar o que seria um jornal de Lisboa no dia em que começasse o julgamento dum qualquer Landri português... Se a morte de uma mulher dá para cinco columnas, o que daría a morte de onze...? Estabeleçam a proporção...

## O crime passionnal

EM França, um marido ultrajado acaba de matar um pobre engenheiro, no qual «julga reconhecer» o amante de sua mulher. Uma consequencia pouco vulgar, mas terrivel, da pouca severidade com que são julgados os chamados «crimes passionnalis».

O marido pode matar aquele que o ultrajou. Mas se o marido é míope? Se o marido começa a matar toda a gente, por engano? E o tribunal, o que resolverá? Se não castiga a intenção—como é costume—fica um crime impune. Se castiga o crime vai contra o habito, porque a intenção é tudo... Enfim, um belo problema para exame final do curso de Direito.

## Uma creança encantadora

EM Mulhouse, num bairro de operarios, um pequenito de três anos, André Braün, ficou sózinho em casa, com um irmãozinho de dezolito meses. Deitado no berço, o «bébé» começou numa grande choradeira. Então o pequeno André resolve faze-lo calar. Vai á cozinha, pega num frasco de alcohol de queimar e derrama o conteúdo sobre o irmão. Depois, deita-lhe fogo... Erguem-se chamas. A creancinha grita; a mãe acode... Mas era tarde; o menino calara-se para sempre. Puro Grand-Guignol, petit-guignol, com actores infantis...



.....

## PRESENTE



—Tenho um tio, celibatario, rico, velho e coxo. Que presente lhe hei-de dar?

—Um-as casacinhas de laranja...

## questão prévia

Por X...

## O drama passionnal

AUGUSTO Gomes. Que querem os senhores? O assumpto tem que ser Augusto Gomes por força.

A semana apóssou-se do antigo empresario de revistas—ou antes, foi ele que, levando finalmente á scena a evocação da sua ultima noite com Maria Alves, provocou a mais sensacional «première» da epocha.

Muito se escreveu—desde as crónicas literarias aos esquisitos de reportagem, sobre o fido assassinato do antigo marinho de descarregador de carvão, cuja audacia e cujo temperamento aventureiro e sem escrúpulos o levou a lidar com as mais gradas figuras oficiais cá da terra.

E, o ponto culminante hoje, em torno do qual gira o morbido interesse dos acionistas da Boa Hora, o interesse profissional dos homens da toga é saber se o crime foi passionnal, se teve por mobil do crime o roubo, ou pura e simplesmente a vingança—cinica e fria.

Vendo tranquilamente o crime do antigo empresario do Apolo—tudo leva a concluir que ele foi um crime passionnal. Simplesmente Augusto Gomes era o «apaixonado». E, um homem desse hediondo estofo moral, desse desequilibrio mental, desse tarado impudor, e desses sentimentos sordidos—tinha assim paixões. Abandonado pela actriz a quem o prendera certo delicio carnal e vicioso, falho de dinheiro e de recursos, odioso e vingativo, sem escrúpulos e audaz—homem cuja historia taciturna e perversa tem muitas paginas negras e misteriosas—liquidou o seu caso, a frio, calculando na sua ingenia rabulice que um «taxi», algu nas protecções na politica, e o seu sangue frio, lhe davam o direito de matar.

Maria Alves era, no entanto a unica mulher que o prendera a serio. E porque? Porque tudo leva a crer que eram bem dignos um do outro.

X.

## Impressões de viagem

DIALOGO colhido á porta da Agencia Cook: —Não imaginas, venho encantado com a viagem. Expendida, excelente. Um itinerario bem delineado, optimamente escolhido; facilidades por toda a parte.

—Foi aqui da agencia?

—Sim; já não é a primeira vez que me sirvo dela para estas digressões. E' uma economia e um descanso; não temos que pensar em nada. Não ha como a agencia Cook para isto; tem uma habilidade especial para estas coisas.

—Talvez experimente.

—O' filho, tu verás. O Cook é optimo para isto, para organizar viagens interessantes; tem dedo, tem olho para escolher os melhores pontos, os que são dignos de visitar-se. Para viagens, não tenhas duvida, não ha como o olho do Cook.

## CONCORDANCIA



—Vinha para chegar a roupa ao pelo ao patife do seu patrão. Tenho muita pena de que ele não esteja em casa!

—Tambem eu!

## HUMORISMO

O QUE FALTA E O QUE  
NÃO FALTA

**E**NTE nós falta sempre o que devia haver e abunda o que devia faltar.

Não falamos na falta de fundos, que é geral e permanente, incluindo a dos próprios artigos chamados de fundo nos jornais, que pela falta de assunto nem sequer podem por vezes classificar-se de fundilhos. Nem falamos de todas as faltas, que dariam um rol interminável.

O que não pode admitir-se é a falta de certas coisas que não deveriam faltar, se uma falta de... não sei o que lhe chame, não tornasse possíveis tais abusos.

Pode, por exemplo, compreender-se a falta de água, numa terra cheia de nascentes, regada por muitos rios, num país á beira mar plantado e com tão largas costas? Num país que afinal só tem as costas largas para suportar tantos martírios.

Pode algum conceber a existencia duma companhia, que das águas tem apenas o nome e o proveito, que lhe dão os consumidores, que nada podem



Crónica  
alegre.

POR AUGUSTO CUNHA

Precisamente á hora dos maiores afazeres, da maior intensidade de trabalho, está uma cidade inteira forçada a um compasso de espera, a uma paralisação geral do seu labôr.

Das 5 ás 6 da tarde, nos escritórios, repartições e estabelecimentos, uma legião de gatos autenticamente pingados de stearina circula numa azafama desusada, na treva, ás apalpadelas, em demanda dos necessários côtos que façam luz sobre os vários assuntos que estão pendentes. E a não estarem todos os empregados já a postos e prontos á primeira voz, de vela na mão, é certo que todos os dias, fatalmente, á mesma hora, teremos abalroamento, desorientação, prejuizos, confusões, tempo perdido.

Ora, alem dos vários inconvenientes que podem resultar desta gracinha das Companhias-Reunidas para nos pregar esta partida quotidiana — pode esta falta

periodica trazer graves transtornos e dissabores, como o que ha dias succedeu.

Certo nascituro, na convicção de que iria ser dado á luz, teve a triste ideia de nascer precisamente num desses periodos tenebrosos, e tal foi a sua perplexidade, ao ter logo de entrada a primeira desilusão, que retirou discretamente para o outro mundo, para as trevas do não ser. Entre o ser e o não ser eternamente comido e vigarizado, como constatou logo de inicio, optou pela segunda solução.

E, afinal, entre nós, no meio de todas estas faltas, ha só uma coisa em abundancia, talvez demasiada.

E' a paciencia. Disso é que temos fatura, para dar e para vender.

## A VERDADEIRA CAUSA

O interesse que tem despertado a

## O Eleuterio e o elevador da Gloria

Encontrei ontem o Eleuterio... Esteve gripado, coitado! Uma pingadeira horrível... Papas de linhaça... Escaldapés... Algodão termogéneo... Antipirinas e fenacetinas e salipirinas de nada serviram! O que o poz de pé foi um almude de bagaço, do bom, ás colleirinhas de chá, da meia noite ás 6 horas da manhã.

Curadissimo, o nosso homem enfiou as calças, o sobretudo, e ei-lo cá fóra, rijissimo, tezissimo. Foi por volta das sete que encontrei o catita. Fez questão de beber com'igo uns calicesinhos de aguardente para festejar a cura. Mandámos abrir uma leitaria aqui ao pé do «Domingo Ilustrado», e viemos até a elevador da Gloria, muito expansivos, a discretar sobre a «Influencia da panacéa na cura da gripe»...

«Estariamos ainda a esta hora no alto da Calçada da Gloria á espera do *maximbombo*, se não tivessemos tomado a resolução de descer a calçada a pé. Porque o elevador não subia. Cá em baixo, uma bicha enorme de gente, a comprar bilhetes. Faziam a limpeza do elevador. Atravam nuvens de poeira, cascas de nozes e de castanhas, bilhetes servidos nas bochechas dos desgraçados que esperavam a hora de entrar e que não podiam sair dali, porque estavam acorrentados, na bicha, firmes...

O Eleuterio, sempre poeta, permaneceu imovel a contemplar aquella «*lindissima*» obra de arte. Eu estava comovido...

E assim falou o Eleuterio:  
—Pena ser tão mal empregado este monumento! Para venda de bilhetes e

para resguardar os passageiros da ventania... Ora não ha! Eu, se fosse Governo, adquiriria isto para o Estado! Indemnizava a Companhia e até mandava sair daqui o elevador. Quem quizesse, que subisse a calçada a pé...

—Muito bem, apoiado, seu Eleuterio! E qual a utilidade que lhe daria o Governo?...

—Muitas, impoz o catita... Quere vêr?...

Corêto para a Banda da Guarda Republicana.

Observatorio Astronomico (porque dali é que se podem vêr as estrelas... do Foz...)

Esquadra de Policia, com subterraneo.

Balneario de Duchas.  
Instituto Moderno, para curas de sol e de vento.

Mas ha mais, é questão de pensar...  
«Agora, o que não se admite é que os passageiros do elevador estejam a gosar as delicias do alpendre, tão aconchegadinho, tão quentinho, tão comodo, tão pratico e (isto revolta as tripas!..) tão monumentalmente artistico por uns miseros dois tostões!...

De inteiro acordo com o Eleuterio, quanto á compra, pelo Estado, da monumental obra de arte... Mas não me agrada nenhuma das utilizações que ele me lembrou...

Fica, pois, aberto um inquerito aos leitores do «Domingo Ilustrado»:

Que se ha-de fazer do alpendre da Gloria?

Respondam a

UM SEU CREADO

Companhia italiana no S. Luiz causou espanto a muita gente.

Ha dias, alguém, que ainda acredita na redenção do nosso teatro, verberava com aspereza o procedimento do nosso publico, que só accorre pressuroso ás companhias estrangeiras.

—E compreende-se; contestei, usando daquele espirito de contradição que está tão radicado em nossos habitos.

—Não se compreende tal, ripostou ele, indignado, que desprezem os nossos artistas, que sistematicamente abandonem as plateias das companhias portuguezas, surgindo apenas quando qualquer companhia de importação invade os nossos palcos. E' uma falta de patriotismo.

—Tanto mais de notar no que diz respeito ao belo sexo. Mas na verdade, para ver representar algumas das nossas companhias, só por um grande espirito patriótico; direi mesmo que é preciso coragem, sangue frio, abnegação; chega a ser um acto de heroismo vêr os três actos de certas peças.

—Não exagere. Ainda se fosse só agora, perante bons artistas estrangeiros, comprehendia-se. Mas não. Basta o rotulo de alem fronteiras e aí vão todos os smokings e todos os vestidos caros mobilizados e transferidos, dos guarda-vestidos e da naftalina conservadora, para o recheio dos camarotes e das frisas conversadoras. E para isso basta qualquer companhia de ca-



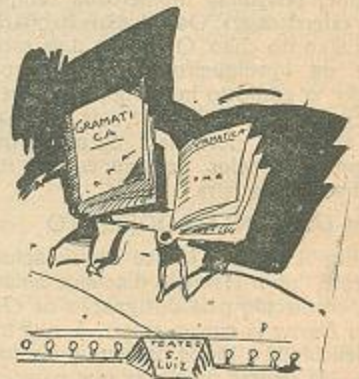
consumir e apenas consumir-se em vão protestos, pagando o aluguer de cantadores, que nunca lhes contam nada de novo?

E que estes sirvam apenas para embelezar o «ménage», pesar no orçamento e transmitir ás torneiras aquella eterna aria que imita o estertor dos sequiosos, acompanhada pelo côro dos triliões de microbios retidos forçadamente nos canos e bradando em unissono o seu protesto, por não terem o necessário liquido que os conduza á orgia que projectam em novos intestinos?

E que, entretanto, quem quizer desse-dentar-se tenha o unico recurso da chuva?

Estamos, todos, portanto ha muito, a pedir chuva.

Mas para não ficar por aqui o rol das faltas, tambem a luz todos os dias, á mesma hora, entre as 5 e as 6 da tarde, retira discretamente, deixando-nos mergulhados na treva e no desespero.



valinho, contanto que seja de cavaliño estrangeiro.

—Não é o caso presente, em que não se justifica, portanto, a sua indignação.

—Mas é que a maioria não vai lá por ser bom ou por ser mau. Vai para fazer figura, para se mostrar, porque é chic, por snobismo.

—Destas vezes parece-me que não será esse o unico motivo. Uma razão mais forte os impulsiona.

—Qual, meu amigo! Pode crer que as causas são apenas aquelas que lhe apontei.

—Não, meu caro. Está enganado. Desta vez uma razão poderosa justifica, afinal, tão grande interesse, tão grande entusiasmo. E' que uma grande parte do publico, de todas as categorias e de todas as profissões, vai finalmente, ter ensejo de conhecer a Gramatica, que só conhecia de nome e tradição. Querem, ao menos, ver como ella é.

AUGUSTO CUNHA



### Curiosidades

#### OS NETOS DO MARECHAL

O marechal chinês Tchang-Tso-Lin, que se julga destinado a ser o chefe do império e o fundador duma dinastia, ocupa-se agora da educação dos seus três netos, que já foram feitos generais, apesar de contarem apenas catorze, doze e nove anos de idade. Actualmente, os pequenos generais estão instalados num antigo *hotel-palace* da costa da Mandchuria, que seu avô fez transformar em colégio, depois que os jesuítas do colégio de Non, no Japão, se recusaram a aceitar a honra de dirigir a educação dos futuros príncipes. Estes vivem num pavilhão isolado, do resto do ex-hotel, ocupado pelos professores e por médicos dos pés, médicos do ventre, médicos do coração, com ajudantes, mordomos, cozinheiros, criados e guardas, num total de quatrocentas pessoas.

#### LONDRES NO ANO 2000

Segundo um profeta norte-americano, Londres, daqui a setenta anos, terá vinte milhões de habitantes. Todas as moradias particulares terão desaparecido, para dar lugar a vastíssimos jardins em que se elevarão, a grande distância uns dos outros, os poucos monumentos que sejam dignos de ser conservados. A circulação estará regulada de tal maneira, que cada género de veículos terá as suas ruas especiais. As Companhias de transportes aéreos, que se terão multiplicado consideravelmente, possuirão numerosos campos de «atterrisage». Os cidadãos habitarão debaixo do chão. Ocuparão uma espécie de formigueiro gigantesco, com todo o conforto moderno, muito bem arejado, iluminado por sois artificiais e aquecido por meio de poços que capturem o calor que se encerra nas entranhas da terra.

#### UM DIAMANTE AGOIRENTO

Em Londres, fala-se muito, actualmente, dum famoso diamante amarelo, conhecido pela designação de *Golden Daron* (a aurora amarela), que traz infelicidade a todos os seus possuidores. Ha pedras preciosas que parecem, de facto, trazer desastres a quem as possui. Carlos, o Temerário, ostentava um anel onde estava encastado o célebre diamante *Saney*, quando foi morto. O *Saney* já pertencera a Henriqueta de França, cuja vida foi uma serie de desastres. Todos sabem que no *Titanic*, o grande transatlântico que naufragou, ia o diamante azul de Hope, que sempre trouxera desgraça a quem o possuía.

#### CHÁS AROMATICOS

Há quem goste de juntar ao chá outros perfumes. Na Argélia costumam deitar-lhe umas gotas de água de flor de laranja. Os ingleses deitam uma rodela de limão. Na América, é frequente juntarem ao chá uma colher de rum ou de curaçu. Os arabes juntam igualmente ao chá em infusão folhas de hortelã pimenta, que lhe dão um gosto especial. Os peruvianos juntam folhas de coca ás folhas do chá. Na China, só muito raras vezes se fazem misturas com o chá. No entanto, em certos chás verdes, deita-se, ás vezes, um pouco de aniz estrelado.

### UM GRANDE CONCURSO POPULAR

# Qual a costureira mais bonita de Portugal?...

O inquerito do DOMINGO ILUSTRADO marca um exito sem precedentes

## NOVAS QUADRAS

De dia para dia vão sendo mais avultadas as remessas de quadras para o nosso Concurso. Mas o espaço de que dispomos impede-nos de lhes dar imediata publicidade. O «Domingo Ilustrado» não fará, entretando, selecções, e TODAS as quadras serão publicadas na sua altura, pela ordem de entrada no nosso jornal.

Muitas dessas quadras são «preciosas», pela sua singeleza, pela graça do conceito, pela espontaneidade da sua composição.

O «Domingo Ilustrado», embora não marque preferencias e acolha sempre com prazer até as mais imperfeitas— pois o nosso Concurso foi feito para o Povo— não podia ficar indifferente ante a beleza de muitas dessas quadras. Tem nas destacadas e continuará a fazê-lo, sem desprimor para os outros concorrentes.

Avolumam-se tambem na nossa mesa de trabalho as fotografias das costureirinhas da terra portuguesa. Mas dentro em pouco O «Domingo Ilustrado» dedicará varias paginas a essa interessantissima documentação.

### Haverá espaço para todos os concorrentes

O DOMINGO ILUSTRADO empenha se em saber qual é a

## Costureira mais bonita de Portugal

Envíem quadras!

Envíem fotografias!

A uma Celeste mais celeste do que todas as coisas celestes:

Não sei se gostas de mim  
Nunca to quiz perguntar  
Com medo que me proibas  
De te poder adorar

Por isso no coração  
Tenho uma nuvem tão 'scura  
— :E' da cor dos teus cabelos  
E da minha desventura.

Os teus olhos são tão lindos  
Que me lembram, logo os veja

Os olhos duma santinha  
Que existe na minha igreja  
Os teus dentes são as contas  
Do meu rosario de amor  
Que eu hei-de rezar, beijando  
Os teus labios com fervor

NEMO

A' formosissima Ofélia — da alfaiataria «Smart» — rua de S. Pedro de Alcântara.

Se eu fôra poeta, exaltaria aqui a singular belêsa desta dama, que formosura igual não descobri desde Campo de Ourique até Alfama

Análoga impressão nunca senti por nenhuma mulher, tão viva chama como a que ando a sentir desde que a vi, que até me endôida e o coração me inflama!

Nunca os meus olhos, realmente, ainda viram sonhando, outra mulher mais linda, que só é feia porque não é minha...

Hei-de cantar, chorando, a vida inteira, aquêla que nascendo costureira, não sendo eu rei—podia ser rainha.

MENESTREL

a M. J. G.

Quando me fitas sorrindo  
sinto uma tal comôção,  
que ao olhar teu rosto lindo  
nem sei do meu coração

de A. F. S.

Dedicados a Maria Augusta (trabalha em casa).

Estes versos são pequenos,  
Mas são um tanto engraçados  
São um tanto epicenos  
Que conduz os desgraçados

O Amor é como a rosa  
Quando seja cultivada!  
Mas... os amores de mariposa  
São como os amores 'estada

Esses pobres infelizes  
Que choram! pelas suas flores  
São como as pobres perdizes  
Que choram pelos seus amores

Os amores das perdizes  
São os tiros dos caçadores  
Mas tu foste das mais felizes  
Que deixastes os meus am. res

Em 13-XI-927

FUJO

A' insinuante Mademoiselle Coralia de Oliveira—Salão Mimoso—Rua Augusta—Lisboa.

Costureira de olhos lindos,  
Muito meigas, mas traidores...  
Quem te deu tão lindos olhos,  
Que acendem tantos amores?

E a tua boca pequena,  
Tão pequena, quem ta deu?  
E o teu cabelo tão negro  
Como foi que enegreceu?

Quando passas co'a malinha  
A caminho da modista  
Eu fico, Corália, a ver-te,  
Nunca te perco de vista...

JOAQUIM BANDEIRA NEVES

#### A LUZ DO RELÂMPAGO

Já alguém se lembraria de estudar quanto vale um relâmpago, quantas lâmpadas o raio poderia iluminar e durante quanto tempo duraria a sua luz? Já. Dois sábios brasileiros, depois de realizarem cálculos difficilimos mas bem concludentes, constataram que um relâmpago de grandeza média, isto é, de cerca de 300 ampêres, podia iluminar sem interrupção, durante um dia inteiro, mais de 110.000 lâmpadas.

#### O CENTENÁRIO DOS MORMONS

Os mormons da América celebraram agora o seu centenário. Foi há cem anos certos que Brigham Young fundou a célebre seita dos «Santos dos ultimos dias», conhecida, principalmente, por ter praticado a poligamia. Os mormons foram grandes colonos. Graças ao seu trabalho perseverante, o deserto do Oeste americano chegou a ser uma região florescente, com ricas e formosas cidades. Os mormons veneram o seu passado, que é de ontem, pode dizer-se. Olham com carinho e veneração a primeira cabana da cidade de River Salt, cabana construída em 1847.

#### OS RAJÁHS E A CIVILISAÇÃO

Os *rajáhs* indianos, apesar de ainda apparecerem em público cobertos de joias e sobre elefantes brancos, ricamente ajazados, vão se civilizando.

O Maharadjah de Kapurtala impôs o ensino do idioma francês nas suas escolas. Há vinte anos que se applica rigorosamente, nos estados do Maharadjah de Baroda, a lei da instrução gratuita e obrigatoria. No país de Grawlior, as raparigas mais estudiosas recebem um dote oferecido pelo soberano. O mesmo acontece no país de Travencore. O Rajah de Gondal, que é doutor em Medicina, pela Universidade de Edimburgo, tem particular cuidado com a hygiene do seu povo. E por isto se vê que muitos príncipes industânicos são grandes amigos da civilização.

A' muito formosa L. B.—Empregada na R. do Ouro.

Eu amo a luz do dia e a graça do luar  
Anceio o vento, a chuva, tudo o que Deus criou,  
Mas o poder de Deus, jamais se comparou  
A' tão imensa luz d' teu tão doce olhar

Olhar que me seduz, olhar tão meigo e forte  
O'har que me inebria pela tua candura,  
Olhar que deu aa meu, num ritmo de doçura  
Uma paixão fremente, paixão que é minha morte...

E é neste concurso que digo, ó alma minha  
Que o meu coração sofre pela tua beleza,  
E olhando esses teus olhos, numa doce firmeza  
O meu amor elege-te, de todas, a RAINHA

ALBERTO BAPTISTA

A' Maria Julia—Dos ateliers—Grandes Armazens do Chado—Porto.

Costureira como esta  
Nunca vi, na minha vida  
E' Deusa, fada, ou sereia,  
Que anda por cá perdida.

Quem te namora é feliz,  
Quem me dera ser tambem,  
Se tu gostasses de mim,  
Eu tambem te queria bem!

E's uma Venus de Milo em escultura  
O teu não possui estrela mais perfeita  
E's a mais bela creatura  
E's de todas as mulheres a minha eleita!

H. FERREIRA

O DOMINGO  
ilustrado

## TEATROS

SEMANA HUMORISTICA DAS «DIVISAS»

O MOMENTO TEATRAL HUMORISMO

Carlos Leal—O silencio é de ouro!  
Holbeche Bostos—Chi va piano, va lontano...  
Albertina a'Oliveira—O' ni suá qui mal e pança!  
Castelo Branco—Quem o alheio veste, na praça o despe...  
Chaby Pinheiro—Quem dá aos pobres, empresta a Deus.  
Silva Tavares—De automovel, com as Musas...  
Alberto de Moraes—Deus escreve Direitos... por linhas tortas!  
Ester Leão—O futuro de Portugal está nas Colonias!  
Laura Costa—Amor e uma cabana!  
Henrique Sant'Ana—A falar alto é que a gente se entende!  
Estevam Amarante—Pegar em «borlas», nem no cemiterio...  
Alexandre a'Azevedo—A franqueza, acima de tudo!  
Hortense Luz—Nem tudo que luz é ouro...  
Gil Ferreira—Mais vale quem Deus ajuda...

## Johann Strauss

E' o seguinte o programa do 1.º concerto do celebre maestro austriaco Johann Strauss, cognominado «O Rei da Val-a», quarta-feira, 30 do corrente, no Teatro São Carlos:

## PROGRAMA

## 1.ª parte

- 1—Ouverture da Opereta «Os Reis da Floresta».
- 2—Valsa Imperial.
- 3—Fantasia sobre varias operetas de Johann Strauss.
- 4—Perpetuum mobile (moto continuo) Scherzo musical.  
Este trecho não tem verdadeiramente fim; e, em conformidade com o titulo, pode ser tocado continuamente.
- 5—«Sangue vienense»—valsa.

## 2.ª parte

- 6—Ouverture da opereta «O barão dos ciganos».
  - 7—«Contos da floresta vienense»—valsa.
  - 8—Fantasia da opereta «O Morcego».
  - 9—«No belo Danubio azul...»—valsa.
  - 10—Tic-tac—galope.
- Todas estas composições são de Johann Strauss, «O REI DA V LSA!»

## Odéon

Um cinema digno de uma grande capital. Casa de espectáculos modernos, confortavel, de risco bizarro. Odéon exhibe as más modernas super produções de grande Fabrica Americana «Mutua-Godwin Mayer». Os e-pectáculos do Odéon estão a marcar um acontecimento de elegancia.

## Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» (agora arranjado de novo). O pai dos cinemas lisboetas. Optimos films, sempre variadas e para todos os paladares de publico. As grandes produções de aventuras. Precios em concorrancia. Amplissima e elegante sala.

## Politeama Avenida

Grandes espectáculos cinematográficos, com Super-Produções. «Principe Zilah» e «Um Novo D. Juan».  
Logo que o Sr. Governador Civil o permitta, «O Barqueiro do volga», um dos más belos films do mundo intiro.

Companhia Satanela-Amarante. A companhia más simpatica do publico. Além de Amarante—o maior creador actual de tipos populares, este conductor Civil e permitta, «O Barqueiro do volga», um dos más belos films do mundo intiro.



## «Mademoiselle Pouche»

Constança Navarro apresenta na comedia que Alvaro de Andrade traduziu com brilho, «Mademoiselle Pouche», uma silhueta inesquecivel... A da figura que dá o nome á peça.

Veste a com rara elegancia—uma das toilettes é um autentico modelo de «Jenny»—e perfuma com a sua graça estonteante os três levissimos actos da comedia deliciosa, que está a atrair ao Gymnasio o nosso melhor publico.

Mas a par da graciosidade de Constança Navarro e da distincão com que se apresenta, ha a salientar a inteligencia com que realisa o interessante papel, inte-

grando se dá maravilha no elenco, que tem como primeiras figuras Palmira Bostos e Alexandre de Azevedo.

## A CRITICA EM FRANÇA

A Associação da Critica Franceza, provocada pela atitude de certos emprezarios e solicitada por Gabriel Alfbrand, director da «Comedia» tornou ha dias publico um documento de altissima importancia que, duma vêz para sempre, precisa a função da critica. E' tão interessante que não resistimos á tentação de o traduzir, para esclarecimento dos theatreiros nacionais, sempre prontos a restringir a liberdade e a imparcialidade da critica que, embora dependente duma arte—ou quando se julgue tal—é no seu superior significado tambem uma arte com a sua independencia e a sua vida proprias.

Traduzo sem direitos nem responsabilidades de tradutor.

«A Associação da critica para responder á questão levantada pela comedia só tem que relembrar verdades elementares:

Cultivar com infatigavel curiosidade as manifestações da arte teatral;

Expressir cortezmente, mas com uma inteira independencia e com toda a consciencia, opiniões sobre as obras e sobre os interpretes dessas obras;

Cuidar no gosto do publico, para que não seja deformado;

Distinguir o esforço, o pensamento, a personalidade na abundancia de produção;

Sustentar e provocar as tentativas originaes;

Combater por ideias, e não por violencias;

Merecer, pela sinceridade, a confiança do leitor;

Conduzi-lo, todo o momento, pela defeza de causas consideradas justas, a ampliar as suas opiniões;

E' este o papel e o dever do critico, e é exercendo o seu papel e cumprindo o seu dever que ele serve verdadeiramente o teatro, assegurando-lhe uma função essencialmente intelectual».

Termina aqui a tradução, embora o documento continue em solidos e

Se pega, pega. se não pega é graça...

Lucilla Simões-Erico Braga. Fabrica de Mobílias em todos os estílios. Até á data, fabricaram 47 fauteuils, e com tanto exito, que pensam em tirar exclusivo.

Hortense Luz—Montou mercadoria na Maria Vitoria. Faz de marçano, embora seja o dono da loja. Casa bem sortida... Só o «stock» de «Grão de Bico» que ela arranjou dá para todo um ano.

Satanela-Amarante—Casa de bebidas. Mas enquanto se não esgotar a «Agua-Pé» de Caneças, que é daqui... não mexem nos vinhos finos.

O publico cada vez mais embriagado pela beleza da Satanela e pela piada do Amarante, que tambem poz á porta do Avenida uma taboleta: «Hoje, não se fia; amanhã, sim.

Palmira Bostos-Alexandre de Azevedo—Todos os artigos, á maneira dos Armazens do Chlado e do Grandela. Casa sólida, de boa cotação. Aquilo ali «puxa», estica... mas não arrebranta!

S. Luiz—Armando Vasconcelos reabriu a «casa das lscas» no «Bairro Alto». Como aquilo era uma Republica, foi até á Russia, conferenciar com El-rei Soviet.

expressivos argumentos. Ha, porem, uma frase que não deve ficar esquecida. Conciza, lapidar, ela destroi, á falta de outras razões—e tantas têm sido demonstradas e provadas—a eficiencia duma missão que, em Portugal, é odiada, combatida e negada por gregos e troianos. Ei-la: A historia do teatro é feita pela critica. Assim é: A critica não perturba, não diminui nem elimina. Regista apenas. E' um barometro de temperaturas. Se as baixas atmosfericas, para não sairmos da imagem, se accentuam, não é sua a culpa. Marca o grafico. Quem quiser que o leia e se acautele. Mas se o calor fecundante, o calor que cria, exaltando a beleza da vida, é trazido de longe ou nasce perto, o instrumento cumpre, naturalmente, o seu dever, comunicando o fenomeno aos olhos que por ele se interessam...

Eles são bem poucos em Portugal. Vêem e fiam se nos «efectos», engeitando-os, amaldiçoando-os, talvez, sem se lembrarem das causas,—velhas causas, que andam pintadas de novo, como se fossem de hoje...

ARTUR PORTELA

## Jardim Zoologico

O divertimento de grandes e pequenos. Preciosos exemplares da fauna de todo o mundo. O Jardim Zoologico, com o atractivo da sua Alameda dos Macacos, ganhada pelo illustre arquitecto Raul Lino. Macha se aberto todos os dias, das 10 ao pôr do sol.

## Pathé Cinema

Espectáculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

## Trindade

Lucilla Simões-Erico Braga inauguraram a sua temporada de inverno com uma peça que corre mundo: «O Faustel 47». Fautel 47 está traduzido em todos os lugares. Fizaram se novellas, fizeram se filmes. «O Faustel 47 encontra-se hoje em todas as platias de todo o mundo. Não ha platia que não tenha um fauteil 47...

## Gymnasio

«Pouche» é uma das más deliciosas comedias que se tem representado nos nossos theatros. Brilantemente traduzida por Alves de Andrade, a linda peça consegue ao palco do elegante Gymnasio, um desempenho primoroso o que não é de extranhar, sabendo se que á frente do elenco figuram Palmira Bostos, Alexandre de Azevedo e Henrique de Albuquerque.

## Foz

A Grande Companhia Espanhola de Variedade «Almas». Bailadas e cantores regionaes, sketches comicos, dansa classica e moderna, fôrta. Elenco au mentado, novos scenarios e guarda roupa luxuoso.  
O notavel actor comico Palacios na sua criação de «Pencudo». 20 artistas e 10 formas—girls. Espectaculo de arte esquecidos ao palco do elegante teatro da Calçada da Gloria.

## S. Luiz

Armando de Vasconcelos reaparece não São Luiz, agora de ponto em branco. A nossa grande companhia de opereta em que se contem os nomes de Autenda d'Oliveira; de Aldona de Sousa, de Vasco-ant'Ana, de Fernando Pereira, de Sylvio Vieira, de Carlos Vilana, de Maria Alvarez, teve uma «vinte e trinta» á com a famosa opereta «Barro Alto» que volta á scena para uma serie de recitas.

## Apolo

O nosso teatro essencialmente popular encontra um: peça de accentos fôrta e humorística com todos os «mstadores» para os mais exigentes: «O Caracol da Oração» que Almeida Cruz montou com a maior propriedade e que a valente companhia del'nd's com imenso brilho. «O Caracol da Oração» vai fazer a longa carreira que teve a «Mouraria», o melhor successo do ano passado.

## Nacional

Continua a marcar o maior exito «A Grã-Duquesa» e «Crede de Quarto», de Alfred Savoir, tradução de Alvaro de Andrade. Alves da Cunha interpreta o papel de um galã comico, um rapaz de vinte annos, cheio de alegria e de vivacidade. Vale a pena ver e ilstre artista nesta papel, o melhor, talvez, de toda a sua carreira.

## Coliseu Olimpica

As maiores atracções dos principais circos do mundo no vastissimo, elegante e confortavel Coliseu dos Recreios. A actual companhia, organizada pelo «avoir faire» de Ricardo Covões, é a maior e a melhor que se exhibe na Europa.

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriaes más categorizados. Filma de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultima-men e grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torna-la a preferida do publico.

# O julgamento sensacional desta semana



Mancha geral do julgamento do assassino de Maria Alves, desenhada em pleno tribunal, vendo-se á esquerda o assassino, ao fundo os advog. Drs. Castro Ozorio, Ramada Curto e Bustorff Silva, seguindo-se o Delegado do Ministerio Publico. A' direita os Juizes, Drs. Magalhães de Barros, Alfredo Portugal e Cunha Mota, em baixo o escrivão. No 1.º plano a bancada da Imprensa.

O DOMINGO  
ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL  
COMPLETA

# O HOMEM QUE MATOU A MÃE

Chianca de Garcia, o notavel escritor e dramaturgo, dá-nos as premicias do seu talento de novelista na pagina que se segue—onde passa um episodio cheio de viva originalidade.

**E**STAVA decidido a calar-se e a não confessar a verdade á justiça. Se o condenassem, não importava, iria para o degredo resignadamente, disposto a sofrer sem queixas nem revoltas.

E com esta resolução firme, sentou-se no catre estreito, á espera que o chamassem para mais um daqueles terribes interrogatorios, onde parecia reviver o antigo espirito dos inquisidores. O calabouço era pequeno e mal iluminado. Anoitecia. E o preso, sem se querer deixar enredar na teia habil das inquirições—voltou a ruminar na maneira firme em como havia de apresentar o seu caso...

Numa hora liquidara-se para sempre. Já não tinha futuro, nem regressaria á actividade compensadora da sua vida profissional. Era um assassino e, pior que tudo—o assassino de sua mãe.

A principio pensara em confessar a verdade. Mas depois seus olhos abriram-se diante duma existencia de sacrificios que ele nunca chegara a compreender—e por respeito, por uma questão moral, talvez, resolvêra calar-se e sofrer serenamente as consequencias da sua attitude...

E desviando-se dos factos breves que iria oferecer ao tribunal por não querer justificar-se, voltou a perder-se na evocação da sua vida, encontrando pela primeira vez a razão de muitos acontecimentos que lhe tinham passado despercebidos...

Na verdade, desde se casara tinha começado a sentir a hostilidade fria de sua mãe. Mas nunca a compreendera—talvez porque fosse um espirito frívolo, inquieto e que sorvia a vida gulosamente, sem meditar um segundo sequer em factos que lhe desagradassem ou que o pudessem fazer sofrer...

Nunca compreendera a sua mãe! E agora, que lhe devia querer mal, porque fôra ela quem tinha destruído a sua felicidade—curvava-se ante a sua recordação, como um soldado ferido

ao findar a batalha, em frente da sua bandeira.

E ia pouco a pouco restituindo a personalidade vigorosa de sua mãe. Era uma daquelas mulheres que vivem para a maternidade. Fôra ele o seu unico filho. Nascera depois do falecimento do pai, um *chauffeur* que morrera num desastre, agarrado ao volante do seu carro. E o que tinha sido o esforço daquela criatura, sósinha no mundo, a querer viver para o seu menino, nem mesmo agora ele podia compreender amplamente...

Trabalhara, esalfara-se para lhe poder dar um curso, um lugar decente na vida—mas esquecera-se de contar com a fragilidade do seu filho. Aos doze anos e quando, como costureira, começava a ter certa independencia, viu-se



—O seu filho, o seu querido filho, estava doente!

obrigada, por determinação rigorosa da medicina, a leva-lo da cidade, em busca dos ares saudáveis e puros dos arredores...

—O seu filho, o seu querido filho, estava doente!

E o pavor de o ver morrer assustava-a e enchia-lhe os olhos de lagrimas.

Mas anos volvidos, num desses pequenos logarejos que se ficam a ver

crepitar de longe a grande fogueira dorida da capital, aquela mulher dedicada conseguira fazer do seu menino—um homem.

Viviam os dois isolados numa casita humilde, mas confortavel e acuada. De manhã, o rapaz vinha para Lisboa, no comboio, para as aulas, enquanto a salita de entrada de sua casa se enchia de crianças, que iam aprender as primeiras letras com a mãe.

Tinha sido tudo para conseguir dar educação áquele filho! Lavava, esfregava casas, perdera noites e noites

abandonado, sem um carinho e sem uma palavra.

Amava-o egoistamente, era certo, mas ele tinha sido bem mais egoista ainda.

Um dia, dissera-lhe:

—Vou-me casar.

—Casas-te? E vou ficar para aqui, sósinha?

E não compreendeu nesse instante aquelas lagrimas dolorosas em que se reflectia todo o abandono a que a pobre se sentia votada.

Na sua indiferença não atinou na mudança da mãe. A's vezes, quando o tempo estava bom, vinha visita-la, trazendo consigo a mulher. Mas a mãe não sorria. Seus olhos pareciam espiolos, odiando a vida amorosa dos dois...

A mãe só tinha uma idéa fixa, compreendia o agora—reconquista-lo! Tornar a possuir a intima amizade do seu filho. Iria tentar tudo, o mais absurdo mesmo, para o afastar da mulher.

E deu-se a tragedia.

Um dia recebeu uma carta anonima—tua mulher engana-te. Quando a deixas ao sabado em casa de tua mãe e vais para a fabrica, ela recebe de noite um homem que entra pela varanda. Espreita e verás. O teu dever é abandoná-la.

Estava convencido que não podia ser verdade. Mas aquilo espicaçava-o—e nessa semana, em lugar de partir, como de costume, deixou-se ficar e escondeu-se, ao anoitecer, detraz dumas arvores—á espera.

A noite estava funebre, humida, viscosa. E de repente, um vulto metido na mancha escura dum gabão, chapéu de abas largas na cabeça, surgiu á esquina de casa, subiu rapidamente os três degraus que ligavam á varanda—e ia entrar...

Depois...

Fôra então que ele, num desespero enorme, disparara, alucinado, as seis balas da sua pistola. E ao querer descobrir naquele corpo que tombara o homem que uma carta anonima insinuava como o amante da mulher—encontrou apenas, tragicamente, o cadaver, banhado em sangue, de sua mãe.

CHIANCA DE GARCIA



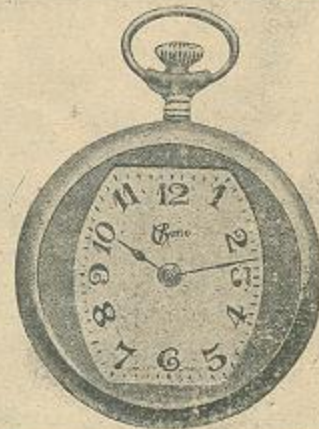
Fôra então que ele, num desespero enorme, disparara, alucinado, as seis balas da sua pistola.

agarrada aos seus trabalhos de costura—contentando-se em imaginar um futuro de venturas com o seu filho querido, eternamente, a seu lado!

Mas começavam as desilusões!

Tirado o curso, conseguido um emprego, tratara apenas de si e esquecera-a. Passavam-se semanas que não aparecia em casa e não compreendia a razão por que via a mãe definhando, emagrecer, triste e desolada—os cabelos embranquecendo-lhe rapidamente.

Ele era a sua obra—e fugia-lhe. Tantos sacrificios a mãe fizera por ele, para um dia se poder rever orgulhosamente na sua obra—e afinal tinha-a



Quer um **Relógio** igual  
a este, **de graça?**

Assine o Romance  
**REDEÇÃO**

São 25 fasciculos a  
Esc. 280) cada fasciculo.  
Nova Empresa  
Nacional Editora,  
Praça dos Restauradores, 13, 1.ª Lisboa.

**Cosulich Line**

**Presidente Wilson**

esperado em 16 de Dezembro

Agentes: — **E. PINTO BASTO & C.ª L.ª**

CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

LISBOA

Telef.: C. 3601, 3602 e 3603

VARIA

DAMAS

# Do chapéu «ã pastora» ao chapéu «ã diabinho»

XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 150—PROBLEMA

por A. Ellerman

(Mundial—N.º 6)

Pretas (10)



Branças (7)

Mate em 2 lances

Solução do problema n.º 149

(Westburg)

1 R b 5-a 5

**BIBLIOGRAFIA:** — Saino o n.º 6 — Outubro — da revista «Mundial», que, como os anteriores, apresenta uma esplendida colaboração. Um artigo de Vitorino Xadrez n.º 7 — moderno — e outro de Tartakover, sobre tecnica de aberturas, dão a este numero um especial interesse. Lembremos que a revista se encontra á venda em Lisboa, na Livraria Bertrand. **CAMPEONATO DO MUNDO** : — 29.ª partida — P. D. Capablanca, com as brancas, ganha em 70 lances. 30.ª, empatada em 41 lan es. A situação fica, pois: Alekhine 4, Capablanca 3 e 32 empates.

O balão desta menina  
É como a roda dum carro...  
Afasta, janota, afasta,  
Que o balão já vai quebrado.

A partir de 1890, passou a moda de dar denominações especiais a cada modelo de chapéu que ia surgindo. O chapéu passou a ser anónimo, a recolher-se a uma relativa modestia, a não ser o açambarcador das maiores atenções das mulheres e dos olhos dos homens.

**FINE «MACIEIRA»**

Egual ao melhor Cognac

Deposito — R. Ivens, 47 Telef. C. 3751

Só a Funda contensiva do Dr. Barrière de Paris contem as hernias (quebraduras) por mais rebeldes que sejam. Ensaios gratuitos pelo especialista. Pedir boletins de medidas.



AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS  
FARMACIA OLIVEIRA  
238, Rua da Prata, 240

## Cabeleireiro de Senhoras

Cortes de cabelo a senhoras e crianças. Ondulação Marcel e Pintura em todos os generos por pessoal devidamente habilitado. — Gerente tecnico **ALEXANDRE PERESTRELLO**.

Salão Elegante das Avenidas

AVENIDA DA REPUBLICA, 49-C

Telefone Norte 5689

**RUGBY** O automovel mais elegante e economico da sua categoria

Agentes geraes no Sul: **T. T. Gonçalves, Suc.º 90, R. Rodrigues Sampaio, 92**

**BERTINI**, a famosa modista de Maria Antonieta, disse, douralmente: «O que ha de mais grave no mundo não é a forma dos governos, mas a forma dos chapéus».

Actualmente, a gravidade do problema está simplificada. A mulher adoptou o chapéu mole, de feltro, com ligeiras variantes; de verão, o mesmo feiço, em palha. Ultimamente, surgiu o chapéu «ã diabinho», que não foi entusiasticamente acolhido, talvez porque nem todas as caras resistem á metafisica moda...

O seculo X-X foi a epoca aurea do chapéu

tora» e o chapéu «ã Duquesa», de fôrma alta e direita, abas largas e plumas ondulantes.

Em Lisboa, as secias usavam chapéus «qual tecto de cabana», como os classificou um vate do tempo.

Vem a epoca do Directorio. Em Paris, Madame Tallieu decreta a moda; em Londres, Georgina Gaston, amante de Lord Bedford, decreta as leis da «toilette». A moda feminina, sob o pretexto de vivificar velhos trajos das atenienses, atinge o auge do exhibicionismo. Mas o Directorio são quatro anos. Surge Bonaparte, aterrorizando o mundo. E, ao surgir o seculo XIX, as «fanças» de Lisboa aliam-se á Inglaterra, contra «Agula». E, para firmarem a sua aliança, adoptam os chapéus de palha á inglesa, muito praticos, para as burricadas ao Cais da Pedra ou a Benficia. O chapéu de palha á inglesa viera desbancar o chapéu «caleche» o o chapéu «cabriolet», de tejadilho moavel, que se abaxava ou levantava, por meio duma fitinha.

Nas recepções de Junot aparecem os grandes toucados de plumas; as aliadas da Inglaterra curvam-se á influencia dos emplumados capacetes dos marechais do imperio.

De 1818 a 1824, dominam, em Lisboa, os chapéus á Bolívar e á Morillo: o primeiro, alto, de enormes abas direitas e com fitas sob o queixo; o segundo, de abas gigantescas, formando tejadilho sobre os olhos.

O ano de 1820, o ano da revolução liberal, traz os chapelinhos «azuis e brancos», ou «a Constituição». O romantismo traz verdadeiras crises nervosas á moda dos chapéus. É impossivel fazer apenas menção da série de tipos adoptados, desde o chapéu á «Bibi», á «Pamela», á «Charlotte Corday», até os do tempo de D. Maria II: de veludo verde, com duas plumas verdes, de setim azul claro, guarnecidos de pelis; os de veludo enfeitados com espigas de trigo, rosas de musgo, ramilhetes de aveia. Foi no periodo romantico que houve os chapéus mais realistas, os que pretenderam aproximar-se mais da realidade, imitar um prado um jardim, etc.

Até 1870, os chapéus vão crescendo de tamanho, vão crescendo com soluções de continuidade, em que aparecem chapéus pequenissimos, do tamanho dum pires, tão pequenos que «não se podiam ver á vista desarmada», como disse um espirituoso da epoca. O chapéu diminuiu quando a saia balão começava a atingir proporções assustadoras, quando o povo cantava, diante das sécias:



O chapéu tipo do principio do seculo XIX.—Plumas e fitas

feminino, que ora foi capota, ora foi barretina, ora se torna baixinho e rasteiro, ora se ergue, petulante, aggressivo. Todos nós no lembramos ainda da calamidade que era assistir a um espectáculo por detraz dum chapéu de senhora...

O chapéu feminino, segundo parece, fez a sua primeira aparição no decurso do seculo IX. Era então redondinho, de aba estreita, quasi masculina, quasi como é hoje. Depois, é posto de lado, para só reaparecer no seculo XV, sob a forma de feltro de abas largas, levantado atraz, descido, como viseira, á frente, e dele pendendo um veu. Mas só nos começos do reinado de Luis XV o chapéu se tornou indispensavel. As revolucionarias francesas da Florida tiveram o seu chapéu de aba erguida dum só lado, e copa alta.

O seculo XVIII viu surgir o chapéu «ã pas-

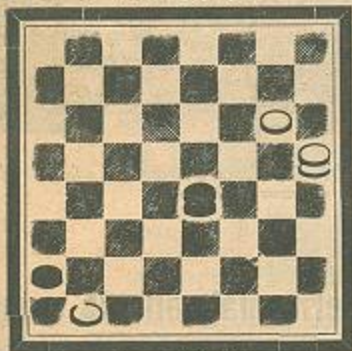
To a correspondência referente a esta secção deve ser enviada a Artur Ferreira Santos, para o «Domingo Ilustrado», Rua D. Pedro V, 18

Solução do problema n.º 143

	Branças	Pretas
1	2-7	10-3 (D)
2	9-13	3-17
3	11-4	20-11
4	21-25	23-6
5	4-8	11-4 (D)
6	15-18	23-15
7	13-22-31-20-11-22	4-7
8	22-4	29-7
9	4-19	
	Oanha	

PROBLEMA N.º 144

Pretas 1 D e 1 v.



Branças 1 D e 2 p.

Saem as brancas e ganham.

O sr. José Brandão (Infantas) enviou-me o problema hoje publicado, que lhe foi apresentado no Porto pelo Dr. Antonio Tavares.

Resolveram o problema n.º 142 os srs. Armario Pinto Machado (Ilhavo), José Brandão (Infantas), Adria-o Barata Salgueiro (Benficia) e M. Braga (Setubal).

## Falar em retratos,

é lembrar a escolha dum bom photographo Prefira a **PHOTOGRAFIA BRAZIL** que mantém uma exposição de lindos retratos de todos os generos.

Rua da Escola Politecnica, 141

## «WINKELMANN»-Pianos

CONSTRUÇÃO unica. Marca criada em 1837.  
Jannario Nunes & C.ª (Filhos) — 108, Rua dos Retroseiros, 110 LISBOA—Casa especialisada.

## CHAPEUS DE FELTRO

Para senhoras e crianças—Os mais modernos modelos nas mais lindas côres—Transformações as mais perfeitas em 24 horas!—Os preços mais baratos de Lisboa—Atendemos rapidamente os clientes da provincia.

OFICINA—Rua Arco Bandeira, 139, 1.ª E.—LISBOA

## FUNCHALIA

**VIEIRA & LOPES, L.ª**  
5, Largo do Calhariz, 6  
Telefone T. 670

Depositarios das acreditadas marcas de manteiga das Emprezas A. C. BURNAY, LIMITADA, VACCUM DE LACTICINIOS, L.ª, e LACTICINIOS AGUIA, da Madeira.

Inauguraram as suas novas instalações para venda a retalho de mercearias, vinhos, charcuteries, etc.

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS



# Actualidades gráficas

**O crime de Augusto Gomes em duas paginas celebras de «O Domingo»**

**Os dois grandes colossos do xadrez**

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses.

**O DOMINGO**  
*ilustrado*

SEMANARIO  
D. D. PEDRO V. B.  
TELEF. EST. 3.0866

AGENTES EM  
TODA A PENINSULA  
IBERICA E SUAS  
POSSESSOES

NOTICIAS E NOTABILIDADES — GENEALOGIA — TESTEMUNHOS E AVENTURAS — CONSULTAS E UTILIDADES



**“Eu apertei, mas foi devagarinho!”...**

**O Novo Sultão de Marrocos**

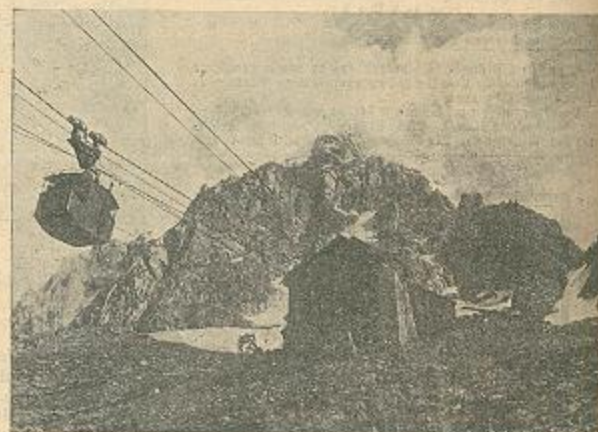


O novo Sultão de Marrocos, MOULAY HAMADA, de 15 anos, que sucedeu a seu pai, recentemente falecido, grande amiga da França.—(Foto Meurisse).



O campeão mundial de xadrez, Capablanca, á direita, com o formidavel Al-echin, concorrente ao titulo

**O caminho de ferro mais alto do mundo**



Inaugurou-se em Chamonix o caminho de ferro aereo mais alto do mundo—a 2664 metros de altitude.—(Foto Meurisse).

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses.

**O DOMINGO**  
*ilustrado*

SEMANARIO  
D. D. PEDRO V. B.  
TELEF. EST. 3.0866

AGENTES EM  
TODA A PENINSULA  
IBERICA E SUAS  
POSSESSOES

NOTICIAS E NOTABILIDADES — GENEALOGIA — TESTEMUNHOS E AVENTURAS — CONSULTAS E UTILIDADES



**A SOMBRA!**

**Arte Portuguesa**



Uma linda peça executada com um grande requinte de arte nos estabelecimentos de J. M. & Pedro Fraga.—Rua da Palma, 82

**Um concurso original**



Organizado em Paris, realizou-se um curioso certame de «bonnets» de papel. Duas das concorrentes mais festejadas.—(Foto Meurisse).

Neste momento, em que se julga o criminoso, é oportuno reproduzirmos duas paginas de «O Domingo», referentes á nossa grande reportagem sobre o sensacional crime, e que tão justamente foram apreciadas pelo publico.

PUBLICIDADE

**MOVEIS  
E  
ESTOFOS  
AO CONFORTAVEL**  
DE  
**Nascimento Piedade**  
TELEFONE N. 3968  
Rua da Palma, 109 a 113  
LISBOA



**CURSO DE EXPLICAÇÕES**  
Preparação para exames de todo o curso dos liceus (ciencias e letras). - **Habilitação paga depois do exame, não a pagando em caso de insucesso.** - **Francez, Inglez, Alemão,** Instrução Primaria e admissão aos liceus para creanças e adultos. - **Curso Comercial** completo para formação de guarda-livros, agentes e tecnicos comerciais. - Os mais modernos metodos de ensino. - Todos os professores são diplomados com curso superior, inscritos nos liceus e rigorosamente especializados. - Os professores de linguas são diplomados com curso superior e especializados nos respectivos países.  
**Três regimes de estudo á escolha do aluno**  
**Matricula permanente**  
**Nova Escola Progresso** R. DA PALMA, 219, 1.º

**SAPATARIA EUROPA**  
AUGUSTO NUNES DA SILVA  
O melhor calçado, o mais resistente a par da maxima flexibilidade, o maximo de conforto e requintadamente artistico



Todas as materias primas são importadas directamente das mais acreditadas casas estrangeiras. Calçado em couro de Java, crocodiles e antilopes verdadeiros, setins e lamés em todas as cores.

R. do Mundo, 47 - Telef. T. 790 - LISBOA

**CANDEIROS DE ELECTRICIDADE**  
Chegaram lindos modelos ao  
**BICO NACIONAL AUREO, L.ª**  
Rua 1.º de Dezembro, 35 e 37



Dá a criança uma  
saude de ferro.  
E' o alimento energetico  
por excelencia  
para novos e velhos.

A' venda nas farmacias, drogarias, confeitarias mercearias e leitarias.

Representantes exclusivos:

**MANTUA, L.ª**

29, Calçada de S. Francisco, 37 - LISBOA

**LITH.**

**ARTISTICA**

R. DO ALMADA, 34-1.º (ao COLHORIZ)

TRABALHOS TIPOGRAFICOS E LITOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS  
**LISBOA**  
PEÇAS ORÇAMENTOS TELEFONE TRINDADE: 229

**AUTOMOBILISTA LIMITADA** 160, Rua Alves Correia, 160 LISBOA



Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis  
PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA Telef. 4218 Norte

TELEFONE C. 641

**Casa Palissy Galvani**

Guilherme F. Simões  
LIMITADA

COLOCAÇÕES  
E reparações de campainhas electricas telefones e pára-raios

LUZ ELECTRICA  
Deposito de todos os aparelhos da sua especialidade

Preços sem competencia Descontos aos revendedores  
13, RUA SERPA PINTO, 15 - LISBOA

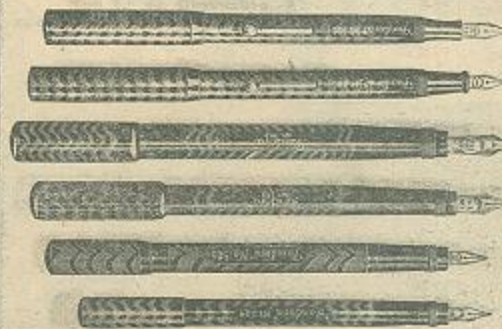
**HOTEL LUSO-ITALIANO**  
**PAREDE**

(LINHA DE CASCAIS)

ABERTO TODO O ANO

SERVIÇO DE RESTAURANT - CHAS  
Constantino Molle

**PANDORA**



é a ultima palavra em canetas de enchimento automatico  
PANDORA, substitue. por isso, com vantagem, qualquer outra marca.  
PANDORA é a mais barata das suas similares.

Pedir nos estabelecimentos da especialidade  
Representante:

**J. A. Soares, Limitada**  
R. de S. Mamede, ao Caldas, 81, 1.º LISBOA Tel. C. 198

**FUNERAES** TELEF. 1094 N.º

DOS MAIS SIMPLES AOS MAIS LUXUOSOS

TRASLADACOES PARA TODOS OS CEMITERIOS PROVINCIA, ETC.

URNAS ARMACOES COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA: RUA DOS ANJOS, 189, 2.º E LISBOA

**MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO**

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

# O DOMINGO

## *ilustrado*

ASSINATURAS

CONTINENTE E ESPANHA

ANO - 48 ESCUDOS -

SEMPRE - 24 ESC. -

SEMPRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO 52x20 - SEMESTRE 26x20

ESTRANGEIRO

ANO 64x64 - SEMESTRE 32x32

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



**O Comandante do «avião fantasma» que visita Lisboa esta semana,**

É este o celebre «aviador de Tsingtau» Gunter Plueschow. Vai a caminho do Brazil e ás Terras do Fogo numa viagem de investigação científica. Ao lado vê-se a grande barca «Parma» onde fez a sua ultima «viagem de cem dias» para o Chile.